

A FESTA DE ODETTE



Nascida em Paris, Odette Ernest Dias morou no Rio (onde integrou a Orquestra Sinfônica Brasileira) e mudou-se para Brasília em 1974, onde ajudou a fundar o Clube do Choro: "Gostei de tudo aqui; da luminosidade, das pessoas..."

Irlam Rocha Lima
Da equipe do **Correio**

COMO DIRIA JAMELÃO, ODETTE ERNEST DIAS ESTÁ MAIS FELIZ DO QUE PINTO NO LIXO. VOLTAR A BRASÍLIA, ONDE VIVEU ALGUNS DOS MELHORES MOMENTOS DOS SEUS 70 ANOS, DEIXA A FLAUTISTA COM ARES DE ADOLESCENTE. EMBORA AS AULAS NO CURSO INTERNACIONAL DE VERÃO A OCUPE MUITO, ELA ENCONTRA TEMPO PARA REVER A CIDADE, MESMO QUE SEJA DA JANELA DO HOTEL EM QUE ESTÁ HOSPEDADA.

Musicista, professora de flauta e pesquisadora, esta francesa (naturalizada brasileira) chega aos 70 anos cultuada nacional e internacionalmente. A comemoração será no dia 2 de fevereiro, data do ani-

versário, mas hoje, às 21h, ela ganhará homenagem durante show na Sala Villa-Lobos.

No show, com a participação de Paulo Sérgio Santos (clarineta), Marco Pereira (violão de seis cordas), Alencar Soares (violão de sete cordas), Henrique Cazes (cavaquinho), Odette tocará *Evocação de Jacob* (Avena de Castro) e *Ingênuo* (Pinguinha) — em duo com a harpista Sílvia Passarotto.

A reverência dos colegas e do público, esta noite, por certo não alterará o comportamento da flautista. Ela se emocionará, claro, mas receberá os aplausos com a mesma modéstia demonstrada ao ser convidada pela direção da Escola de Música para dar aulas na 21ª edição do Curso Internacional de Verão.

"Fico contente por, aos 70 anos, ainda ser lembrada para tomar parte de um evento como este, tão importante para os músicos e os estudantes de música. Contentamento que aumenta ao ver a classe cheia de alunos, pessoas de todas as idades que me chamam de Odette em vez de professora", disse ao **Correio Dois**.

"A grande dama da flauta brasileira", como a chamou o produtor Mário Aratanha, nasceu em Paris e formou-se pelo Conservatório Nacional Superior de Música, em 1951. Já premiada em concursos,

veio para o Brasil no ano seguinte para, a convite do maestro Eleazar de Carvalho, integrar a Orquestra Sinfônica Brasileira.

"No Rio de Janeiro, além de fazer parte da Sinfônica, fui para a Rádio Nacional, onde descobri a música popular, acompanhando as estrelas da época como Orlando Silva, Sílvia Caldas, Carlos Galhardo, Nelson Gonçalves, Ângela Maria, Marlene e Emilinha Borba", recorda-se.

Mas não eram só essas as suas atividades. "Além de dar aulas no Conservatório Brasileiro e na Pró-Arte, fazia muita gravação de estúdio e mais tarde passei a tocar na orquestra da TV Globo. Trabalhava muito e financeiramente estava bem."

Tudo isso, porém, Odette deixou para trás ao receber convite do Departamento de Música da Universidade de Brasília, que a queria em seu quadro docente. "Já tinha vindo antes a Brasília, inclusive para tocar, mas a idéia de morar aqui ao mesmo tempo me atraía e me deixava confusa."

Embora o marido Geraldo e os filhos resistissem à mudança, em março de 1974 ela já havia se radicado na capital. Para isso muito contribuíram "a possibilidade de ter uma vida mais sossegada e de poder me dedicar mais à família, além do fascínio pelo desconhecido."

Não demorou muito para os Er-

DEPOIMENTOS

"De formação erudita, Odette se caracterizou pela abertura que teve em relação à música popular. Uma flautista, uma mestra da flauta que usa choros de Pinguinha como material didático há mais de 30 anos."

Henrique Cazes,
cavaquinista, pesquisador e autor do livro
Choro — Do Quintal ao Municipal

"Eu vejo Odette como patrimônio da música brasileira, por sua atuação artística e acadêmica."

Hamilton de Holanda,
bandolinista e integrante do grupo
Dois de Ouro

"Tem sido um privilégio conviver com Odette há 25 anos. Mesmo sem ter essa intenção, ela me passou muito de sua experiência de vida e profissional."

Elza Kasuko Gushiken,
pianista e parceira da flautista

"Odette é uma referência no choro. Com ela, no disco A História da Flauta Brasileira, fiz minha primeira gravação em estúdio."

Alencar Soares,
violonista e integrante do grupo Choro Livre

nest Dias se integrarem à paisagem e à vida no cerrado. "Gostei de tudo aqui. Da luminosidade, do clima, das pessoas." Pelo visto, também os filhos Beth, Jaime, Cláudia, Andréa, Carlos e Irene, a única que não é ligada à música. Dos 16 netos de Odette, sete nasceram em Brasília.

Ser fundadora do Clube do Choro e ter desenvolvido parceria com a pianista Elza Gushiken estão entre as maiores alegrias vividas pela flautista na cidade. "No meu aparta-

mento na 311 Sul, durante dois anos, aconteceram as reuniões que deram origem ao Clube do Choro. Eram sempre aos sábados e ficávamos ali tocando choro das duas da tarde às oito da noite."

Com Elza, Odette já fez incontáveis recitais e gravou a maioria de seus discos. "Somos amigas há 25 anos e parceiras desde então. Mesmo agora morando novamente no Rio, continuamos trabalhando juntas. Só no *Le Rossignol*, lançado em

1997, e no *A História da Flauta Brasileira*, de 1981, é que a Elza não tocou comigo. Nos outros, *Recital*, *Sarau Brasileiro*, *Afinidades Brasileiras* e *Sonatas de Bach*, ela está presente."

Aposentada como professora pela UnB, mas ativíssima, Odette continua excursionando pelo Brasil e exterior, participando de festivais, dando aula em cursos de extensão e desenvolvendo pesquisa sobre a música brasileira do século XIX.

Depois da morte do marido, ocorrida há cinco anos no sítio da família em Ibitipoca, próximo a Juiz de Fora (MG), Odette decidiu voltar para o Rio de Janeiro e atualmente mora num apartamento "bem simpático, com vista para o Cristo Redentor e sempre aberto aos amigos" no charmoso bairro de Santa Tereza.

"Meus vizinhos já se acostumaram com as tocatas que faço e não reclamam. Até um sarau já houve lá. Como tenho espírito inquieto, não sei até quando vou morar em Santa Tereza", afirma a jovial e vaidosa senhora, que não aceita posar para fotografias sem antes retocar a maquiagem.

SERVIÇO

INVERÃO POPULAR - CHORÕES
Show com a participação de professores do 21º Curso Internacional de Verão, hoje, às 21h. Na Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional. Entrada franca.